

---

## *Sentidos Secretos.*

de Maurício Pedro da Silva  
São Paulo: Altana, 2005

Rita Couto  
Mestre em Comunicação e Semiótica – PUC-SP;  
Professora na Uninove  
ritaoliverio@terra.com.br

Hoje, é preciso tomar cuidado ao diferenciar os textos sobre crítica estética: há o artigo, a resenha, a análise de texto e o ensaio. Está muito em moda chamar todo texto crítico de ensaio, atitude que, provavelmente, Montaigne (1533-1592) abominaria.

Felizmente não é o caso do recém-publicado *Sentidos Secretos*, de Maurício Pedro da Silva.

São 11 ensaios divididos irregularmente em três partes, nas quais Silva discorre, de forma concisa e rigorosa, sobre a literatura brasileira. Vale a pena comentar cada uma delas e instigar o leitor a penetrar nesses “sentidos secretos”.

Na primeira parte – e não poderia ser diferente –, o assunto é literatura brasileira e identidade nacional: estão lá como referência bibliográfica, depois do capítulo e nele, os mestres críticos dessa literatura: Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Mattoso Câmara, Roberto Ventura e Machado de Assis.

O segundo capítulo da primeira parte funciona como o outro lado da moeda do primeiro: a questão da canonização na literatura brasileira. Mais do que responder se existe uma literatura brasileira canônica, o ensaísta aponta diversos problemas relacionados a esse cânon e alerta: “Poucos teóricos têm abordado esta questão com a profundidade que ela merece, o que acaba ensejando uma

verdadeira anarquia metodológica que campeia por nossos manuais de literatura.” (p. 24).

Já o terceiro capítulo chama bastante a atenção, principalmente nestes tempos: “A corrupção no Brasil: registros literários”. Aqui o ensaio trata de algo conhecido, mas que não é, de forma alguma, recente: “[...] ao contrário do que se pode pensar, a corrupção emerge como um ato recorrente no Brasil, uma atitude que adquire suas primeiras particularidades ainda na era colonial, percorrendo toda a nossa história de forma incólume e vigorosa.” (p. 36).

Silva avisa que um estudo sobre a corrupção no Brasil deve seguir um caminho inverso ao dos “registros oficiais”. Se quisermos saber a respeito, devemos nos debruçar sobre os “registros literários”. O modelo exemplar citado pelo ensaísta é epistolar: “A carta de Pero Vaz de Caminha”. Para ele, esse documento “[...] já carrega consigo indícios de uma prática administrativa viciada, na medida em que o próprio autor e o escrivão da armada portuguesa lança mão de um cargo público para requerer alguma espécie de benefício particular.” (p. 40).

As partes dois e três do livro apresentam, numa certa ordem cronológica, ensaios sobre obras de importantes escritores brasileiros, e o autor segue revelando-nos os “sentidos secretos” e sua dedicação

---

intelectual à literatura brasileira. Estão presentes, nessa ordem, Gregório de Matos, Manuel Antonio de Almeida, José de Alencar, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Adolto Gonçalves, Roberto Drummond e Antônio Torres.

Eles podem ser lidos separados e servem ao gosto e à curiosidade do leitor.

De qualquer forma, Silva dá a cada uma das obras desses autores uma perspectiva única e diferenciada e realiza ensaios no melhor sentido “montaigniano”. Como, por exemplo, quando discorre sobre *Senhora*, de José de Alencar:

Com efeito, *Senhora* é, dos romances urbanos de Alencar, aquele em que os conflitos entre homem e sociedade atingem o paroxismo, levando o ser humano a um processo de despersonalização profunda, solapando suas características idiossincráticas e ameaçando-lhe a própria identidade. (p.83).

Silva consegue trazer uma obra do século XIX para uma perspectiva mais provocante. O mesmo tratamento é dado a autores não tão conhecidos, como Adolto Gonçalves, mas que “[...] é um típico exemplo do descaso que a crítica literária contemporânea tem devotado aos mais novos escritores” (138). Ainda bem que o ensaísta faz justiça a eles.

Assim, os sentidos deixam de ser secretos e mostram ao leitor

[...] a capacidade da literatura em desautomatizar nossa concepção do cotidiano [...] em despertar nossa capacidade de indignação [...] em alicerçar nossa conduta ética no trato social [...] em desenvolver nossa capacidade de compreensão e absorção da atividade estética [...] (p. 7-8).

Silva realiza seu objetivo com desenvoltura, descortinando ao leitor textos de crítica estética que são, no mais autêntico sentido da palavra, ensaios.